

Provocação

Ao nomear o senador Gilberto Mestrinho para a presidência do Conselho de Ética do Senado, o presidente da Casa, Jader Barbalho, pode ter cometido um erro fatal de procedimento. O infortúnio recente de seu principal adversário, Antonio Carlos Magalhães –, vítima fatal do próprio afã à afronta ilimitada – não parece ter servido de exemplo ao presidente do Senado.

Jader Barbalho envereda agora pelo perigoso terreno da inobservância de algumas posturas que, aos novos critérios em vigor na cidadania brasileira, não são mais suportados. Ainda que a imagem junto à opinião pública e a biografia do senador Mestrinho não deixassem margem a reparos – o que não é o caso –, mesmo assim, rezaria a boa norma que neste momento o presidente do Senado se abstivesse de nomear para um posto estratégico à circunstância, um não apenas aliado, mas amigo do peito.

Amigo este que não se constrange em dizer de público que a ele pouco importa o que fez ou deixou de fazer um parlamentar antes de chegar ao Congresso. Que pouquíssimo se lhe dá também o que os colegas fazem durante o exercício do mandato. Votou a favor da manutenção de Luís Estevão na Casa e antecipou que daria o mesmo voto nos casos de ACM e José Roberto Arruda.

Um direito dele como senador. Mas uma distorção para o cargo que agora ocupa, dado que adota a preliminar de que, independentemente da natureza dos casos que venha a examinar, sua posição será sempre pela inocência. Não a presumida, mas até a comprovadamente inexistente.

O senador Gilberto Mestrinho, em bom português, nos diz que para ele o Conselho de Ética não vale. O que nos dá o direito de considerar inválidas, por contaminadas por pressuposto questionável, as decisões que venha a tomar.